



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO-FECAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Anacleide Moreira Cabral

**PERSPECTIVAS DE PERMANÊNCIA NO CAMPO DE JOVENS
FILHOS DE ASSENTADOS, SÃO DOMINGOS DO ARAGUAIA - PARÁ**

MARABÁ/PÁ

2019

ANACLEIDE MOREIRA CABRAL

**PERSPECTIVAS DE PERMANÊNCIA NO CAMPO DOS JOVENS
FILHOS DE ASSENTADOS, SÃO DOMINGOS DO ARAGUAIA - PARÁ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Como exigência para obtenção do título de Licenciatura em educação do campo, habilitação em ciências agrária e da natureza, sob a orientação Prof. Dr. Rodrigo de Almeida Muniz .

Defesa pública em: 30/08/2019

Conceito: Bom

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rodrigo de Almeida Muniz (ORIENTADOR)
Docente da Faculdade de Educação do Campo/Unifesspa

Prof.^a.Msc. Gláucia de Sousa Moreno
Docente da Faculdade de Educação do Campo/Unifesspa

Prof.^a. Esp. Ana Emília Borba Ferreira da Silva
Docente externa

MARABÁ/PA

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho da Unifesspa

Cabral, Anacleide Moreira

Perspectivas de permanência no campo dos jovens filhos de assentados, São Domingos do Araguaia - Pará / Anacleide Moreira Cabral; orientador, Rodrigo de Almeida Muniz. — Marabá: [s. n.], 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Marabá, 2019.

1. Educação rural - Aspectos sociais - São Domingos do Araguaia (PA).
2. Migração rural-urbana. 3. Juventude rural. 4. Assentamentos humanos. I. Muniz, Rodrigo de Almeida, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 370.19346098115

Elaborada por Alessandra Helena da Mata Nunes - CRB2/586

Dedico,

As minhas filhas, Anndressa, Ana Beatriz e Amanda, pois todo passo que dou o meu pensamento se remete a elas.

As mulheres da minha vida minha mãe Darcilia e a minha sogra Rosely, que mim incentivarão a alcança o meu objetivo.

Ao meu pai, Jose Teodoro, que mesmo tendo frequentado pouco o ambiente escolar, incentivou aos filhos que era um caminho pelo qual deveríamos lutar, pois era a única herança que ninguém nos roubariam.

Ao meu esposo Adezilei pelo incentivo, apoio e dedicação aos cuidados com nossas filhas na minha ausência.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades. A minha família pela força e por acreditar em mim e pelo apoio incondicional. Em especial ao meu marido e as minhas filhas que suportaram a distância durante o tempo universidade.

A minha mãe e minha sogra por ajudar cuidar das minhas filhas para que pudesse estudar tranquila sabendo estavam bem.

Ao Corpo docente da FECAMPO por me proporcionarem o conhecimento e pelas reflexões que serão de fundamental importância no meu papel de educadora e em especial aos docentes da ênfase de ciências agrária e da natureza.

Ao meu professor e orientador, Rodrigo Muniz, pela dedicação, paciência e incentivo durante a elaboração desse trabalho.

As minhas amigas do curso, Eliane e Vanira que as conheci durante essa jornada e quero levar para a vida toda, foi muito gratificante a trocas de experiências e apoio que nos davam força para segurar a barra de estar longe de casa e superar a falta da família.

A todos os educandos da turma 2014 pela troca de experiência, em especial aos colegas da ênfase da ciências agrária e da natureza, foram muito importantes durante esse processo formativo.

Ao prefeito do município de São Domingos do Araguaia, Pedro Patrício de Medeiro, por nos garanti o transporte para nos levar para a universidade e trazer de volta para São Domingos do Araguaia durante todas as etapas do curso.

Aos motoristas do ônibus que nos levavam da nossa cidade até Marabá, e os companheiros de viagem das demais turmas, que mesmo cansados ao final do dia, sorriamos muito durante a viagem, fazendo esquecer o cansaço do dia de estudo.

Não podendo esquecer da dona Conceição e seu Adão que foram muito importantes, pois mim acolheram em sua casa durante algumas etapas do curso. Muito obrigado a todos que contribuíram com a minha formação acadêmica.

“De tudo ficaram três coisas:
a certeza de que estava sempre começando,
a certeza de que era preciso continuar e
a certeza de que seria interrompido
antes de terminar.
Fazer da interrupção um caminho novo,
fazer da queda um passo de dança,
do medo uma escada,
do sonho uma ponte,
da procura um encontro”.

(Fernando Pessoa)

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
1. OLHAR SOBRE O P.A. OITO BARRACAS	10
1.1. Histórico do Projeto de Assentamento Oito Barracas.....	14
1.2 Atividades econômicas desenvolvidas no P.A. Oito Barracas.....	17
1.3 Realidade da E.M.E.F. Getúlio Vargas	17
2. FATORES DE EXPULSÃO E ATRAÇÃO DOS JOVENS DO CAMPO PARA A CIDADE.....	19
2.1 O papel da educação na zona rural na expulsão dos jovens do campo.....	23
2.2. Panorama teórico a reconstrução da identidade dos jovens do campo.....	25
2.3 Panorama teórico a busca pela renda	26
3. PERSPECTIVAS DE PERMANÊNCIA NO CAMPO: UM OLHAR SOBRE A VIDA E AS EXPERIÊNCIAS DE JOVENS ASSENTADOS DO MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS DO ARAGUAIA, PA.	27
3.1 Perfil dos jovens entrevistados e atuação no lote	27
3.2 Dimensão sensitiva: Os jovens gostam ou não gostam de mora no campo.	32
3.3. Escola e o olhar dos jovens	34
CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS	38
ANEXO: QUESTIONARIO DE ENTREVISTA COM OS JOVENS.....	40

LISTA DE SIGLAS

FETAGRI - Federação dos Trabalhadores na Agricultura.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

PCC, LPEC - Projeto de Criação do curso, Licenciatura em Educação do Campo.

PDDE - Programa dinheiro direto na escola.

PACTO - Pacto nacional pela alfabetização na idade certa.

APAB - Associação dos Pequenos Produtores do Castanhal Oito Barracas.

GEO – Georeferenciamento.

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

STTR - Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de São Domingos do Araguaia, Pará.

RESUMO

Neste trabalho busco investigar e analisar as causas da saída dos jovens filhos de assentados no município de São Domingos do Araguaia, Pará. A presente pesquisa foi realizada na E.M.E.F. Getúlio Vargas localizada no P.A. Oito Barracas com os alunos do 8º e 9º ano, no período de agosto a dezembro de 2018, através da metodologia de pesquisa quantitativa, qualitativa e observação participante, com essa metodologia foi possível identificar o que leva os jovens a migrarem para a cidade. Durante a realização do mesmo foi possível perceber que há um fator expulsão da população jovem do campo, pois são invisibilizados, dentro da categoria jovem a mulher, a jovem é mais excluída que o homem, devido a questão de gênero é negado a elas participarem das decisões quanto a produção e, elas não gostam do trabalho que realizam. O que teve maior destaque das causas que levam os jovens a sair do campo, o primeiro fator é a busca pela renda própria pois os jovens consideram como fator de libertação e autonomia perante a sua família. Chegamos à conclusão que os jovens não têm o desejo efetivamente de sair do campo, são questões objetivas também chamado de fatores de expulsão que os fazem sair como: falta de infraestrutura, desejo de bens e serviços que acreditam encontra na cidade; o outro fator é a exclusão seletiva, que está presente a questão do gênero, onde existe situações diferente para o homem e para a mulher. Os jovens migram para cidade com a ilusão de encontrar na cidade o que falta no campo.

Palavra-Chave: Jovem; Campo-Cidade, Políticas Públicas.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi realizado devido a inquietação que surgiu durante o primeiro tempo espaço localidade realizado durante o percurso formativo do curso de licenciatura em educação do campo. O tempo espaço localidade é a pesquisa das atividades acadêmicas do LEC (licenciatura em educação do campo), é orientado pela alternância pedagógica da pesquisa e do trabalho docente como princípios educativos e da interdisciplinaridade como matriz formadora do currículo proposto pela Licenciatura em Educação do Campo PPC (UFPA, 2008, p.18).

Através da pesquisa realizada durante este trabalho surgiu a vontade de se pesquisar o tema em questão: Perspectivas de permanência no campo de jovens filhos assentados em São Domingos do Araguaia-Pará. Com objetivo de identificar e analisar as causas que levam os jovens sair campo. Pois tem-se uma visão negativa da vida no campo, onde os agricultores sofrem com essa visão, sendo negado financiamento para a produção, onde se tem limitações tecnologias, que os impedem de aperfeiçoar a atividade produtivas e diminuir a penosidade do trabalho na agricultura família. Essas são apenas algumas das dificuldades que levam os jovens busca outras perspectivas de futuro fora do campo.

A metodologia usada na pesquisa foram quantitativa e qualitativa com questionário de questões fechadas e abertas, (SEVERINO, 2007.) segue em anexo o questionário usado nas entrevistas com os jovens, e observação participante. Os instrumentos da coleta de dados foram elementos da própria vivencia na comunidade pesquisada e trabalhos dos tempos espaços localidade.

O presente trabalho está organizado em três capítulos, onde o primeiro apresentamos a comunidade a qual foi realizada a presente pesquisa, no segundo os aspectos teóricos que dialogam com o tema pesquisado, o terceiro apresentamos todos os dados levantados a partir das entrevistas realizada com os jovens e a conclusão do trabalho.

1. OLHAR SOBRE O P.A. OITO BARRACAS

A presente pesquisa foi realizada no Projeto de Assentamento Oito Barracas, que está localizado no município de São Domingos do Araguaia, região norte do País, na porção sudeste do Estado do Pará. A distância entre o Projeto de Assentamento e a capital do estado, Belém, é de 625 km.

O P.A. Oito Barracas ocupa uma área de 3.599,94 ha e está inserido numa região de muitas áreas de assentamento, tem como áreas adjacentes ao norte o P.A. Almescão; ao sul o PA Santa Lucia; ao leste PA Cróa e a oeste PA Beth (Figura 01).

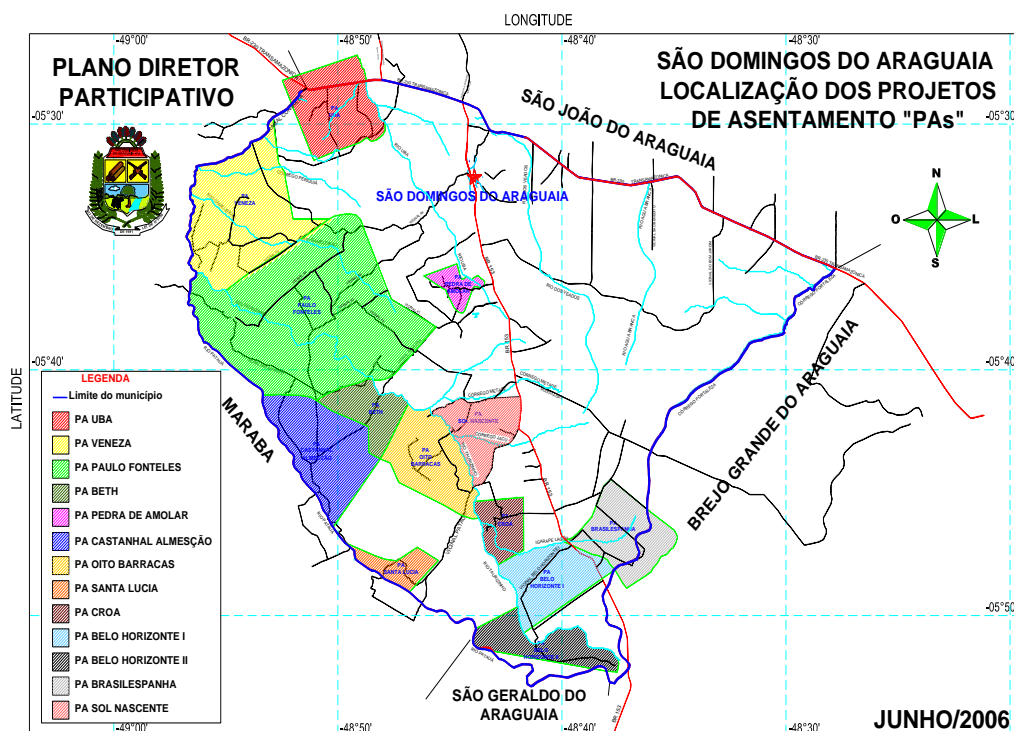


FIGURA:01 mapa da localização dos P. A. do Município de São Domingos do Araguaia, Pará.
 FONTE: Prefeitura de São Domingos do Araguaia-Pá

O P.A. Oito Barracas está localizado à 32 km da sede do município de São Domingos do Araguaia e a 87 km de Marabá, maior cidade do sul e sudeste do Pará. O acesso à área da comunidade dar-se-á pela BR-153, seguindo em direção a cidade de São Geraldo, entrando à direita, pela Vila Metade.

No assentamento está a Escola M.E.F. Getúlio Vargas que fica a 1 km de distância da vila do Assentamento. A escola atende aos jovens do PA Beth e PA Água Fria da educação infantil ao nono ano do ensino fundamental e em 2018 a escola atendeu cerca de 80 alunos. Atualmente a escola possui uma boa estrutura, porém quando foi fundada não tinha estrutura alguma, os alunos sentavam em troncos de palmeira, a escola era aberta nas laterais e com cobertura de palha, como é possível observar na fala da professora fundadora da escola.

[...]Num barracão aberto os alunos sentavam [...] coqueiro eles foi improvisados os banquinhos de coqueiros, ai improvisaram unhas tabuas que era para os alunos escrever, foi assim que iniciou barracão de palha. Um ano assim, no segundo ano construirão a escola já fizeram a escolinha de tabua bem feitinha fizeram piso, banheirinho só que era de tabua, telha. (Arcanja Macedo da Silva, 2015)

O assentamento tem uma associação, que é Associação dos Pequenos Agricultores do Castanhal Oito Barracas (APAB), fundada em julho de 1999, como mostra a fala de um morador “O ano foi em 99, a base do meio do ano de 99 foi o ano de fundação da associação”. (José Araújo Cabral, 2015). A associação surge da necessidade dos agricultores se organizarem oficialmente, para ter força de reivindicar a desapropriação da fazenda e buscar benefícios para

as colonos. Em 2011 foi construída a sede da associação com recursos provenientes do rendimento do recurso habitação e fomento do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), que foi aplicado na conta durante o período de 2007 a 2011, logo abaixo figura 02 a sede da associação.



FIGURA: 02. Sede da Associação dos Pequenos Produtores do Castanhal Oito Barracas.
FONTE: CABRAL, Anacleide Moreira, 2015.

O assentamento Oito Barracas tem uma pequena Vila, que têm o mesmo nome do assentamento vila Oito Barracas, onde moram apenas as famílias que não possuem parcela de terra própria dentro do Assentamento.

A maior festividade de caráter religioso no assentamento é o festejo da padroeira Santa Maria Madalena, que ocorre no mês de julho dos dias 14 a 22, que atrai dezenas de pessoas dos assentamentos vizinhos, com a celebração de novenas e missas em homenagem a Santa Maria Madalena. Nas noites do festejo após as celebrações tem quermesse, com venda de comidas, bingos e leilões.

A igreja católica, foi construída com muito esforço dos seus membros, pois no início do assentamento não tinham local para realizarem suas celebrações, e as mesmas eram realizadas na E. M. E. F. Santin, que não tinha estrutura alguma pois funcionava em um barracão improvisado como mostra a fala de uma moradora que ajudou a fundar a igreja;

Quando nós chegamos aqui não tinha igreja nós fazia celebração lá na beira da estrada lá naquele colégio que tinha que era barracão funcionava a escola e nós fazia a celebração. Lá perto da finada toca onde é de frente aquele boteco agora, aquele pasto era o baracãozão, era o colégio e nós fazia a celebração lá... (Cícera Conceição de Lima, 2015).

Diante das necessidade de ter um local para realizar as celebrações, os católicos se uniram e foram em busca do objetivo de todos que era angariar recursos financeiros para

construir sua igreja como mostra mais uma fala da senhora Cícera Conceição de Lima (2015) moradora do assentamento; “Foi o filho da dona Catarina, que deu aquele pedacinho ali pra nós fazer construí nossa igreja e ai nós fomo fizemos uma casinha veia, ai trabalhando pedindo, ai todo mundo direto até quando conseguimos construí a igreja”.

Na escola a festa junina e as noites culturais com apresentações artísticas onde os alunos são os protagonista. Tem também a cavalgada do assentamento que ocorre no início de julho saindo do P.A. Almescão para a casa de um morador no assentamento Oito Barracas que é o organizador desta festa, vem centenas de pessoas de vários P.A. do município para participar. Porém já está com dois anos que não ocorre mais esta cavalgada no assentamento, o organizador diz que o gasto é muito grande e não conseguiu patrocínio para ajudar nas despesas.

Os espaços de convivência do assentamento são uma igreja Assembleia de Deus e um campo de futebol, ambos localizados na vila e, uma igreja católica, localizada a quatro quilômetros da vila. O campo de futebol é usado pelos alunos da escola, para pratica de educação física devido à ausência de espaço adequado na escola, e nos finais de semanas os homens da comunidade se reúnem para jogar futebol. Tem dois bares dentro da comunidade, o igarapé Taurizinho onde as pessoas gostam de se reuni para banha e conversar e se diverti.

Na vila do P.A. Água todo mês tem uma festa no bar do Chafurdo, onde alguns jovens da comunidade pesquisada gostam de ir para se diverti, e na vila P.A. Almescão tem três bares onde também são organizadas festas para a população em geral, tem também um campo de futebol onde os jovens gostam de participar de torneios, são alguns dos locais visitados pelos jovens da comunidade como fonte de lazer.

Com relação a saúde da comunidade, tem apenas um agente comunitário de saúde. Os doentes tem que procurar o posto de saúde da Vila Metade que fica a 12 Km distante da comunidade ou ir para a cidade de São Domingos do Araguaia, Pará.

Com relação ao acesso do PA Oito Barracas, se dar através de três vicinais, uma entrando na vila São José que fica a 8 Km de São Domingos do Araguaia, passando por dentro do PA Beth, outro acesso é pela vila metade que se localiza a 17 Km distante do município passando por dentro do PA Almescão e a última entrando no PA Sol Nascente mas conhecido como Breno, há 20 Km da cidade, todos os acesso se dão pela BR153 saindo de São Domingos sentido a São Geraldo do Araguaia PÁ, todos as vicinais que dão acesso a comunidade, estão com as condições de trafego ruins, o que torna cansativo e demorado a inda a cidade.

1.1. Histórico do Projeto de Assentamento Oito Barracas.

Em 1995 teve a primeira ocupação, por seis pessoas, filhos de agricultores todos da região norte, quatro do estado do Pará e dois vindos do estado do Tocantins, pouco tempo retornaram para cidade devido às dificuldades de ser um grupo pequeno para ocupar uma fazenda grande. No ano de 1996, a segunda ocupação, organização do acampamento, pelo sindicato local juntamente com a FETAGRI, com o apoio das entidades sociais, a ocupação foi bem sucedida.

Em 1996, acontece a criação definitiva do P.A. Oito Barracas em 1998, a área assentamento foi dividida entre 88 famílias, com lotes de tamanho de 15 a 100 hectares como mostra a figura 03 logo abaixo. Neste ano de 2018 morram apenas 60 famílias no Assentamento.

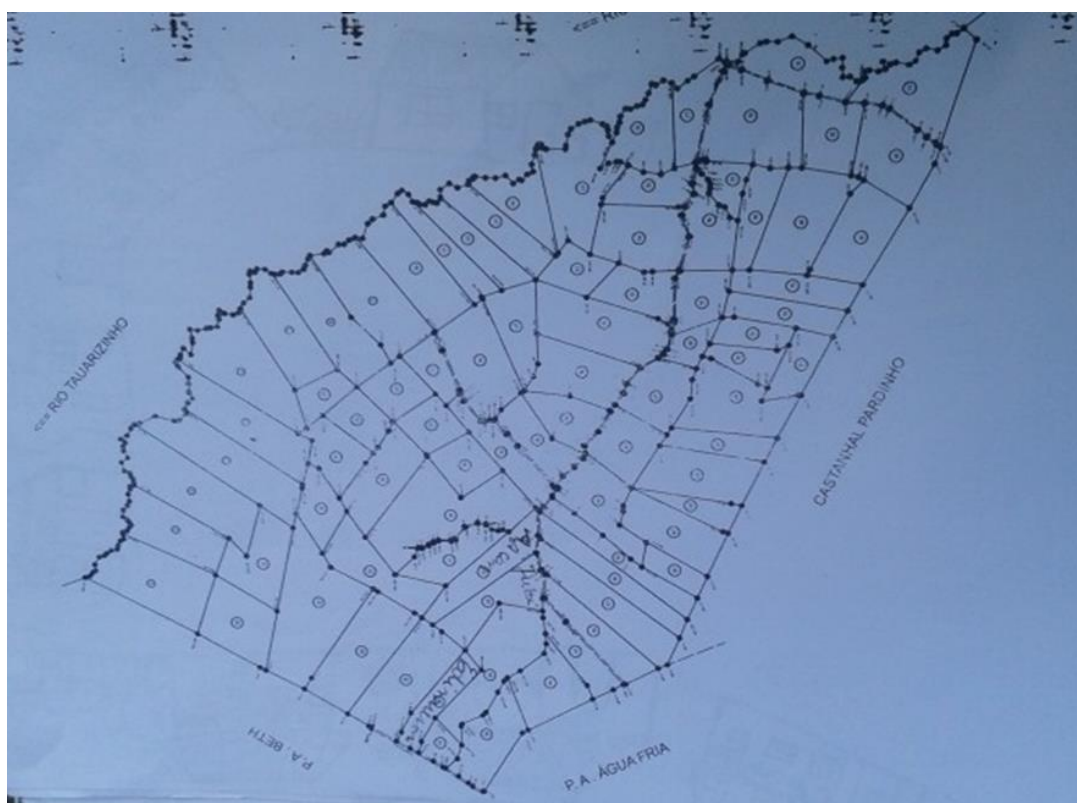


FIGURA: 03 mapa do P.A Oito Barracas.
FONTE: CABRAL, Anacleide Moreira, 2015.

Deu-se o nome P.A. Oito Barracas porque durante o processo de desapropriação do lugar se tinha 08 barracas coberta de palha próximas umas das outras, os posseiros que ocuparam a fazenda decidiram que o nome do assentamento seria Oito Barracas, devido as oito barracas que tinha no início da área.

A escola foi fundada em 1998 no P.A. Oito Barracas, a partir de reivindicação e necessidade da comunidade. A escola só foi instalada na comunidade quando o assentamento

em homenagem ao ex presidente da república. O nome não tem vínculo nenhum com a comunidade, sendo uma sugestão do secretário de educação da época o senhor Raimundo.

Inicialmente a escola não tinha nenhuma estrutura, funcionava em condições precária no barracão da associação aberto apenas coberto de palha, como já foi citado a cima, as carteiras eram tora de babaçu com tabuas, que serviam como bancos para as crianças sentarem e escrever, atendia alunos do pré a 4ª série do ensino fundamental, quando iniciou com duas turmas multiseriadas com 66 alunos ao total.

Em 02/06/1998, decreto de desapropriação, veio depois de muita luta dos ocupantes para se conseguir de um pedaço de terra para viver, as famílias alcançaram o objetivo de ter sua propriedade para trabalhar e supri as necessidades.

Em 26/08/1998, emissão de posse, mais só em 09/12/1998, sai o decreto de criação do P.A. nº 94; a luta passou a ser pelos benefícios que ajudaria na permanência nos lotes, como: Fomento, habitação, PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), estradas, etc.

Em 1998 foi criada a Associação dos Pequenos Produtores do Castanhal Oito Barracas (APAB); que foi uma forma de se organizarem oficialmente pois teria uma representante devidamente constituído por seu CNPJ.

Já em 1999 inicia as celebrações da igreja católica em um barracão onde funcionava a E. M. E.F. Santin, como mostra a fala de dona Cícera Conceição de Lima (2015), “Quando nós chegamos aqui não tinha igreja nós fazia celebração lá na beira da estrada lá naquele colégio que tinha que era barracão funcionava a escola e nós fazia a celebração”.

Em 2000 foram liberados os primeiros créditos: Habitação e fomento para melhorar as condições de moradia dos agricultores, porém a falta de estradas para entrega dos matérias dificultou as construções das casas, pois os mesmos tinha que carregar os materiais em animais como mostra a fala de um morador:

Um bocado por quem recebeu mermo pra ficar tranquilo, recebeu transporte nas porta foi só lá encima os outros tinha que carregar de animal. Eu mermo carreguei nas costas de animal, o seu Osvaldo e teve um bocado que não fez nessa época por que não tinha estrada aí tinha que carregar... (Jose Araújo Cabral, 2015).

Com a ausência de estradas, no mesmo ano de liberação dos primeiros créditos, os agricultores prenderam as máquinas que estavam fazendo as estradas dentro do assentamento, pois, havia necessidade de construir um aterro de 200 metros de comprimento por 5 metros de altura, que ligava a vicinal que estava sendo construída a outra vicinal que era usada para sair da comunidade, sem este aterro a vicinal que estava em construção não teria utilidade pois era grande a área alagada, a empresa responsável pela construção da estrada se negava a fazer, os

agricultores se reuniram não deixaram as máquinas sair do assentamento se não construíssem o aterro, seguraram as máquinas por três dias, até que a empresa resolvesse construir, como mostra a fala de um morador do assentamento:

Terminou, terminou mais ou menos na ideia que a gente tava pensando de ser feito. Primeiro o aterro fizeram de mal qualidade não fizeram ponte, nessa fecharam foi tirado mil metro que tinha pra frente pra fazer o aterro lá, foi tirado para subir o aterro foi onde ficou o aterro alto e a ponte bem feita, bem feita não, foi feita mais ou menos que deu pra aguentar cinco anos é aqueles paus que estão hoje em dia naquela outra. (Jose Araújo Cabral, 2015)

Em 2002 construção da escola com recurso do governo federal, porém passou três anos sem funcionar, pois ela foi entregue para o prefeito Edson da Brama, que não a inaugurou. Só em 2005 aconteceu a inauguração da nova escola, pois outro prefeito assumiu a prefeitura e uma das promessas de campanha era funcionar a escola naquele prédio e que atenderia do pré a 8ª série, e foi concretizado.

No dia 31/01/2012 interdição da BR 153, com a reivindicação da energia elétrica em toda a zona rural do município de São Domingos do Araguaia, todas as entidades sociais somaram forças para conseguirem que os assentamentos do município, fossem atendidos pelo programa do governo federal, Luz Para Todos. Ficaram acampados por 4 dias com pessoas de todos os assentamentos, como mostra a fala do presidente do sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais de São Domingos do Araguaia, Pará (STTR).

[...] nós não temos ela como luz para todos, por que vem para alguns, o pessoal se acamparam na rodovia por base de quatro dias com ela interditada ne, para que tenha hoje digamos assim vinte por cento de energia nos assentamentos, então agente ver que a dificuldade foi grande em cima da conquista desses benefícios. (Elirrael Brito Cordeiro, 2015).

Já no dia 09/07/2014, a energia elétrica é ligada dentro do assentamento, mesmo não atendendo a todas as famílias, o representante do STTR e o presidente da APAB, foram várias vezes a sede da rede Celpe em Belém, cobrar o atendimento de todas as famílias do P.A, porém não conseguiram. Restaram 26 famílias sem atendimento da energia elétrica em suas casas, como mostra a fala de um morador revoltado por que ficou sem energia em sua casa:

Tava, passei lá dois dias naquele inseto lá, pra poder conseguir a energia que tem lá encima num tem, ai tivemos lá, lá foi uma faixa de cinco dias aquele problema lá, pra poder ver se conseguia hoje já tá com dois anos ainda falta concluir um bocado dos companheiros no tem, ainda falta vinte e seis pra concluir ainda ninguém sabe se vai ser concluído. (José Araújo Cabral, 2015).

As famílias tiveram que pagar com recursos próprios uma empresa particular para instalar energia em suas casas, tem famílias que ainda não tem eletricidade em casa pois não têm condições financeiras de arcar com as despesas da instalação.

Em 2017 iniciou-se o georeferenciamento (GEO) do assentamento para fins de titulação de terra por parte do INCRA. O GEO é a descrição do imóvel rural, limites, características e confrontações, através de memorial descritivo firmado por profissional habilitado.

1.2 Atividades econômicas desenvolvidas no P.A. Oito Barracas.

O que se produzia no período da ocupação era: milho, arroz, feijão, fava, porém nos dias atuais só produzem, milho, feijão e fava, já não se planta mais arroz devido às pragas que não deixam o plantio se desenvolver.

A produção de abobora, quiabo, pepino, também era bem significativa mais com o passar dos anos veio diminuindo a produção. A Macaxeira é plantada apenas para alimentação, já a mandioca é usada na produção de farinha por uma quantidade pequena de agricultores.

A banana já foi a maior de renda de algumas famílias do assentamento, no entanto a sigatoka negra atacou os bananais, causando a queda da produção e conseqüentemente a renda das famílias.

Outra atividade desenvolvida para obtenção de renda e para a alimentação são as pequenas criações como: galinhas, porcos, carneiros e peixes. O artesanato já não tem muita expressão dentro do assentamento, apenas algumas pessoas que confecciona peças em Pintura, bordado em tecido, crochê e bordado em sandália.

A criação de gado e produção de leite está presente na maioria dos lotes, sendo a principal fonte de renda para o sustento da maioria das famílias. Extração de açaí em alguns lotes, produção de poupas complementam a renda durante a safra do açaí, alguns produzem as poupas e as vendem na cidade, outros vendem a saca açaí sem beneficiamento.

1.3 Realidade da E.M.E.F. Getúlio Vargas

A escola onde foi realizada a pesquisa foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas, vinculada à SEMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura), localizada a 33 km da sede do município de São Domingos do Araguaia, PA, dentro do P.A. Oito Barracas, vicinal Getúlio Vargas. Em 2005 a escola passa a funcionar em novo prédio, construído com recurso do governo federal em 2002 e entregue ao governo municipal. Houve assim três anos de omissão por parte da prefeitura do município em assumir a escola E.M.E.F. Getúlio Vargas.

Com a mudança de prédio, a escola que inicialmente ofertava apenas as séries iniciais, educação infantil à 4ª série, passou a ofertar também o 5ª a 8ª série. A escola atende os jovens do PA Oito Barraca, P.A. Beth e P. A Água fria e, em 2005 possui cerca de 130 alunos, com seis turmas e em 2018 atendeu 80 alunos. Durante este período o funcionamento da escola ocorreu sem interrupções.

A escola pesquisada é independente (polo), o projeto político pedagógico esta em construção, porém, a participação e contribuição da comunidade dentro da escola é pequena. A E.M.E.F. Getúlio Vargas possui conselho escolar no entanto o funcionamento é parcial, sendo atendida com os seguintes programas: PDDE educação básica (Programa dinheiro direto na escola), PDDE educação integral (Mais Educação), PDDE campo e PACTO (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), as formações ocorre uma vez por mês, os professores que participam são aqueles que trabalham com os anos iniciais 1º ao 3º ano do ensino fundamental.

A escola possui uma coordenadora responsável que realiza o acompanhamento pedagógico além de cuidar da parte administrativa. O calendário escolar não é ajustado a realidade do campo assim como determina o artigo 28 da LDBEN (1996).

Na oferta de Educação Básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I-conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II-organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

O quadro de funcionários da escola vem reduzindo, no ano de 2018 havia apenas 8 funcionários, sendo quatro professores, destes, um é temporário, além destes uma bolsista que auxilia na sala de aula com presença de alunos(as) com deficiência física, uma coordenadora responsável pela escola, duas serventes. Esse pessoal tem que dar conta do atendimento de 84 alunos(as) distribuídos(as) em quatro turmas, dois turnos: matutino e vespertino do pré ao 9º ano, todas as turmas são multisseriada.

A escola tem dois veículos para transportar os alunos, sendo uma van e um veículo adaptado ao transporte de pessoas (pau de arara). A van, é utilizado para o transporte dos alunos que residem nas vicinais do assentamento que a escola se localiza e o outro transporta os alunos dos P.As vizinhos.

Com relação a estrutura física a escola conta com três salas de aulas, uma cozinha e depósito de merenda, três banheiros, uma secretaria que serve também como sala de

professores, um almoxarifado onde é guardado os materiais pedagógicos, segue a figura 04 com a imagem da escola.



FIGURA: 04. Escola M.E.F. Getúlio Vargas.
FONTE: Relatório I Tempo Espaço Localidade, 2015.

O tamanho do terreno é 15.000 m², um espaço muito bom porém não tem um local apropriado para a prática de educação física, tem muitas pedras no local, dificultando as aulas práticas, que são realizadas no campo na vila que fica a 1km distante da escola.

2. FATORES DE EXPULSÃO E ATRAÇÃO DOS JOVENS DO CAMPO PARA A CIDADE.

A necessidade de se pesquisar permanência dos jovens no projeto de assentamento Oito Barracas, São Domingos do Araguaia – Pará, surgiu desde a primeira pesquisa do tempo espaço localidade, durante a entrevista realizada com a senhora Cícera, que relata a dificuldade de desenvolver a agricultura no lote, devido a problemas de saúde de seu marido, como é possível observar na fala da própria Cícera, (2015).

[...] Colocava, nós não mexe com roça mais não. *Não tem mais mata?* Só uma capoeirinha lá, ele não aguenta mexer com roça mais, *Já ta doente cansado do serviço?* É coluna, não aguenta trabalhar mais não [...] ai foi pra São domingos, *Já concluíram eles?* Ainda não, um parou de estudar, tá até pra Goiânia, e o outro tá lá Estudando, acho que vai um dia e cinquenta não, *não pensa de vir pra terra ajudar vocês?* Não só lá na rua trabalhando, agente pejeja mais fazer o que?" Cícera, 2015.

O relato da Dona Cícera traz elementos de dois processos que vêm ocorrendo no meio rural do Brasil, o envelhecimento da população rural e a evasão dos jovens para a cidade em busca de estudo e trabalho. Consequentemente, redução da força de trabalho e produção de alimento nas zonas rurais e perda de vínculo com o campo por parte dos mais jovens. Outro elemento recorrente observado na zona rural da região é que mesmo quando os jovens saem para cursar o ensino médio, muitos deles não conseguem finalizar o estudo, como é o caso do

filho da dona Cícera, mas, mesmo sem finalizar os estudos e com poucas oportunidades de trabalho, esses jovens hesitam em retornar para a zona rural.

Diante desta situação, surgem algumas inquietações que nortearam esta pesquisa, sabemos que não será possível responder todas as perguntas que nos aflige. Se todos os jovens saírem do assentamento como vão ficar as famílias? quais são as causas que levam os jovens a sair do campo? esse questionamento surgiu, a partir da realidade do assentamento Oito Barracas, a necessidade de identificar e analisar o elementos que levam os jovens a sair do campo. O presente trabalho busca responder a essa questões e para isso foi preciso realizar uma ampla pesquisa teórica, para conhecer o que tem de pesquisa sobre o tema, buscando entender o mesmo.

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano 1960 o Brasil tinha a população urbana 32.004.817, enquanto a rural 38.987.526, já em 2010 a população urbana sobe para 160.925.792, chegando 84,4% da população vivendo em áreas urbanas, já a rural 29.830.007 apenas 15,6% vivem na zona rural. O que nos mostra como é grande o exôdo rural, e os que mais migram são os jovens em busca de estudo ou trabalho para suprir as suas necessidades. Chã (2006, p. 22) “Entre 1960 e 1980, o êxodo rural toma proporções gigantescas – estima-se que quase 31 milhões de pessoas tenham abandonado o campo em direção às cidades, levando com elas a miséria rural.”

A permanência dos jovens no campo é um tema que tem poucas pesquisas realizada, e as encontradas são das regiões sul, sudeste e centro oeste do país, não se encontrou nada sobre a região norte e muito mesmos sobres os assentamentos da região. Amaral (2013), escreve sobre as políticas de juventude, do reconhecimento dos jovens pelas políticas públicas, que não são muitas e as que tem não atendem de forma significativa os jovens do campo. Já Castro, (2013) trata da Juventude rural, agricultura familiar e políticas de acesso à terra no Brasil, onde mostra uma ampla pesquisa que aponta as causas da saída dos jovens do campo para a cidade;

- a. Dificuldades encontradas pelos jovens rurais para conseguir recursos para suas necessidades de consumo, os quais podem ser obtidos mais facilmente nas cidades;
- b. Atração maior pelas condições de vida nas cidades do que do campo e desvalorização da vida e do trabalho no campo;
- c. Melhores condições de trabalho nas cidades;
- d. Oferta de trabalho (em geral maior nas cidades do que no campo);
- e. Condições pouco favoráveis que alguns jovens enfrentam para conseguir renda a partir da terra. Castro (2013. p. 23)

A elementos dessa atração que a autora chama que podem ser melhor analisados para a região norte, pois a autora escreve sobre a região Sul e centro oeste do Brasil. É uma atração

por elementos que são relativos como o lazer, o conforto, tem que ser melhor analisados considerando a realidade da região.

Birck, (2010, p. 17) afirma que as pessoas do campo estão ficando cada vez mais idosa, “[...] o meio rural brasileiro está ficando somente com as pessoas idosas para produzir alimentos, pois os jovens não estão mais permanecendo na propriedade para administrar os negócios dos pais” [...]. Com essa afirmação retorno às perguntas que estimulam a pesquisar o tema, será o quais fatores levam os jovens a sair do campo? E levanto outra questão que não sei se será respondida neste trabalho, o que vai ser dos idosos no campo? vão produzi ou vão vender sua propriedade para também migrarem para a cidade.

Weisheimer, (2005) discuti o conhecimento sobre o tema juventude rural no período de 1990 a 2004, afirma que transição de adolescente para a juventude, vem acarretada de direitos e deveres, de obrigações e responsabilidades, o ingresso no trabalho é visto como um elemento que liberta e da autonomia na transição juvenil.

O meio rural, mesmo na região, se tem relativo acesso à informação por meio da internet, pois na maioria do interiores há sinal de telefone e internet. Desta forma, os jovens têm acesso a muitas informações e ampliam suas redes sociais com sujeitos de diferentes locais, o que influencia nos hábitos de vida e de consumo. A principal questão é que na maioria dos casos as influências introduzem um modo de vida e hábito de consumo da cidade e marginaliza o campo como espaço de vivência.

Segundo Weisheimer, (2005. p. 28) os diferentes trabalhos estudados apontam para a “necessidade de desenvolvimento de políticas públicas específicas para os jovens rurais, entre as quais se destaca a pertinência de um projeto educacional que valorize o rural e prepare os jovens a se desenvolverem como agricultores.” Para que os jovens não tenha vergonha de sua origem, pelo contrário que tenham orgulho de ser filhos e filhas de agricultores, que estudem para melhora a vida no campo.

Já Carneiro (2007, p. 36) indica que “Entres os motivos apontados para a emigração rural estão, de um lado, os atrativos da vida urbana, principalmente em opção ao trabalho remunerado (fator de atração); e de outro lado, as dificuldades do meio rural e da atividade agrícola (fator de expulsão).” O fator de expulsão que tem duas vertente: a chegada da “relação do capitalismo nas áreas rurais, que acarretam a expropriação dos camponeses, a expulsão de agregados, parceiros e outros agricultores não proprietários, tendo como objetivo o aumento da produtividade do trabalho e a conseqüente redução do nível de emprego” (p. 36), a outra vertente tem muito a ver com a realidade do assentamento pesquisado;

[...] “a recusa dos filhos em suceder os pais é, em primeiro lugar, recusa do modo de vida dos pais”; a crise de reprodução é então uma crise de identidade social . Champagne constatou que, ao fazer a sua avaliação do modo de vida rural, os jovens comparam-no com o modo de vida urbano, [...] (Champagne, 1986:77 apud. Carneiro 2007. p. 37)

Essa crise de identidade se dar, pelo fato dos jovens ter a ilusão de que na cidade se viver melhor que no campo, pois lá se tem mais atrativo para estes jovens.

A condição de exclusão da jovem mulher é bem mais evidente, que os jovens por isso ela se apegam a primeira oportunidade de sair dessa condição de exclusão, que segundo Carneiro (2007. p. 40) para “as moças, a frequência a uma escola no meio urbano significa uma primeira etapa da busca de alternativas; a segunda etapa é alcançada com o casamento ou através de um emprego”. Porém a autonomia e a liberdade só é alcançada com a saída da casa dos pais, pois mesmo sendo maiores de idade são controlada pelos pais.

Têm caso por que os próprios pais não querem que os filhos passem pelas mesma dificuldades que eles próprios passaram, por isso aconselham os filhos a irem embora, sem se dá conta que ficarão só os mais velhos no lote, dificultando a produção. Este fato dos pais não querer que os filhos siga a mesma profissão que eles é conhecido de imaginário do campo e da cidade, a perspectiva do emprego, como se o emprego com um salário fosse a salvação de seus filhos.

Para Weisheimer, (2005) a invisibilidade dos jovens também é um fator de expulsão do campo para a cidade;

A “situação de invisibilidade” a que está sujeito esse segmento da população se configura numa das expressões mais cruéis de exclusão social, uma vez que dessa forma esses jovens não se tornam sujeitos de direitos sociais e alvos de políticas públicas, inviabilizando o rompimento da própria condição de exclusão Nesse contexto, a juventude rural aparece como um setor extremamente fragilizado de nossa sociedade. (WEISHEIMER. 2005, p. 9)

Essa invisibilidade atinge com maior rigor as mulheres, pois o trabalho desenvolvido por elas tem menos visibilidade na família, comunidade pois é um trabalho que não gera dinheiro ou bens não é considerado trabalho, Burg (2005, p.34) “[...] percepção de que as mulheres “não trabalham” encontra fundamento não só em crenças populares, mas também na própria teoria econômica que só considera produtivo o trabalho que resulta em bens. [...]”. Algumas pessoas ainda tem essa visão que a mulher não trabalha e desvalorizam o trabalho feito por elas, essa desvalorização faz com que elas estejam mais propicia a sair do campo.

2.1 O papel da educação na zona rural na expulsão dos jovens do campo.

Mesmo com todas as adversidades enfrentada pelos jovens do campo para estudar, a educação formal é muito valorizada por eles, e essa tão sonhada educação acaba por impulsiona-lo a sair do campo, Carneiro (2007, p. 74);

[...]a educação é vista e valorizada pelos jovens. É uma possibilidade de mudança de vida, de ascensão, de crescimento e desenvolvimento. Ao mesmo tempo, paramos para pensar o quanto isso acaba se tornando uma grande utopia para a juventude. O tempo de permanência do jovem do meio rural na escola chega a ser a metade da permanência do jovem do meio urbano. E, quando esse jovem tem acesso à educação, ela está completamente descontextualizada e acaba por impulsioná-lo para migração. Na verdade, a educação valoriza a vida urbana e desvaloriza a vida no campo.

Vejamos o que ZAGO afirma em relação a educação que é ofertada para os alunos do campo em comparação aos da cidade;

Apesar das políticas adotadas, as pesquisas continuam reafirmando a permanência de acentuadas desigualdades educacionais entre campo e cidade em todas as regiões do país, tanto em relação ao acesso à educação e à qualidade do ensino quanto no que se refere à infraestrutura dos estabelecimentos, à formação docente, ao grau de analfabetismo e às discrepâncias entre idade e série ZAGO (2016, p. 64)

Para ARROYO, (2006) a educação tem peso maior na vida das pessoas do campo pois é algo, que há muito tempo vem sendo negado aos povos do campos, e quando tem ensino no campo, não atende as especificidades daqueles, que são atendidos, isso conseqüentemente aumenta as outras desigualdades, pois os alunos que não tem seu conhecimento alcançado tem limitações. Amaral (2013) traz dados alarmantes com relação a escolaridade dos jovens do campo em comparação os das cidades:

O nível de escolaridade dos jovens rurais é 30% inferior ao dos jovens urbanos, sendo que 8% dos jovens que vivem no campo são analfabetos, contra 2% nas áreas urbanas. Nas cidades, apenas a metade dos adolescentes com idade entre 15 e 17 anos estudam no ensino médio; no campo, a situação é ainda mais carente de ação governamental, já que somente 1/3 desses jovens estão concluindo a educação básica e há mais de 1,2 milhão de estudantes do campo com idade para cursar o ensino médio. Amaral (2013, p. 12).

Segundo Amaral, (2013) nas regiões Norte e Nordeste há os maiores índices de distorção série/idade. Nestas regiões, jovens de 15 a 17 anos que estão estudando em séries adequada são apenas 39,1% e 39,2% da população nessa faixa etária, respectivamente, cursam o ensino médio.

Castro, (2013) também afirma que o jovem do campo tem menos tempo de estudo em comparação com os da cidades:

Há muito mais pessoas sem instrução ou com apenas o nível fundamental incompleto na área rural do que nas cidades. Pra todos os demais níveis de escolaridade (fundamental completo, médio incompleto, médio completo, superior incompleto,

superior completo), os jovens das cidades estudam mais do que os jovens do campo. Castro, (2013, p. 20)

A multisserie está presente na escola da comunidade. Nas quatro turmas que são atendidas desde do pré ao 9º ano é possível dizer que essa é uma realidade presente nas escolas do campo, onde o professor, em apenas uma turma tem alunos do pré ao quinto ano e estes alunos estão em níveis de aprendizados diferentes uns dos outros, o professor tem que preparar seis planos de aula para ensinar seus alunos. Hage (2014) a multisserie também é uma realidade presente na maioria das escolas do campo no Brasil.

Segundo dados da Coordenação de Educação do Campo do MEC, extraídos do Censo Escolar de 2011, existem atualmente 48.875 escolas multisseriadas no Brasil, as quais representam 56,45% das Escolas do Campo existentes. Nelas atuam 70 mil docentes e estudam 1,3 milhão de estudantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Hage (2014, p.1171)

É importante destacar que nas escolas do Pará essa porcentagem das escolas multisseriadas é maior em relação a outros estados do Brasil, devido a precariedade da escola, a distância das mesmas da cidade, as quais são escolas uni docentes e por este motivo são multisseriadas, e por não ter a quantidade de alunos suficientes para se formarem várias turmas. Hage (2010) descreve a quantidade de escolas multisseriadas no Estado Pará;

[...] número ampliado de escolas multisseriadas existente entre as escolas localizadas no meio rural da Amazônia Paraense. Das 9.483 escolas rurais, 7.670 são multisseriadas (80,9%), indicando a necessidade da elaboração e implementação de política educacionais que focalizem essa problemática. Hage (2010 p. 352)

Com toda essa realidade a maioria dos professor não sabem como trabalhar com as turmas multisseriadas, pois é difícil trabalhar com muitas series na mesma turma, sendo que os conteúdos são diferentes, o que ele faz é preparar atividades diferentes para cada serie sendo que o tempo da aula é curto, enquanto explica o conteúdo para uma serie a outra está em conversa paralela vise e versa, isso por que tem a visão de junção de várias series juntas Hage, (2010);

Os professores têm muita dificuldade em organizar o processo pedagógico nas escolas multisseriadas justamente porque trabalham com a visão de junção de várias séries ao mesmo tempo e têm que elaborar tantos planos de ensino e estratégias de avaliação da aprendizagem diferenciados quanto forem as séries com as quais trabalham. [...] (HAGE, 2010, p. 354)

A falta de currículo que seja feito pela própria comunidade onde se localiza a escola, respeitando a cultura, identidade, e as diferenças dos alunos também é um dos muitos problemas

sofridos pelas escolas do campo. Junto com o descaso das autoridades competentes, para com as escolas multisseriadas no campo, pois não investem na criação de uma proposta pedagógica que atendam a realidade dessas escolas, Hage (2010);

[...] essa situação advém do descaso dessas instâncias governamentais para com as escolas multisseriadas, pois não investem na construção de propostas pedagógicas específicas para essa realidade e muito menos na formação dos docentes que atuam no multisseriada. Por parte do pessoal que atua nas secretarias de educação, as justificativas em relação à falta de acompanhamento pedagógico advém da falta de estrutura e pessoal suficiente para a realização dessa ação. (HAGE, 2010, p.353)

A falta de acompanhamento pedagógico e de uma proposta curricular voltada para o povo do campo, faz com que estes povos tenha um ensino fora de sua realidade, dificultando o aprendizado dos alunos.

2.2. Panorama teórico a reconstrução da identidade dos jovens do campo

A reconstrução da identidade acontece devido a alguns fatores que leva e essa mudança, porém é tratada por Carneiro, (2007) como crise de identidade social, “[...] a recusa dos filhos em suceder os pais é, em primeiro lugar, recusa do modo de vida dos pais”; a crise de reprodução é então uma crise de identidade social (Champagne, 1986, apud. Carneiro, 2007. p. 37)”.

Para Zago, (2016) essa reconstrução se dá devido “A transferência do estudante de um estabelecimento de ensino localizado no meio rural para outro no meio urbano certamente produz novas experiências sociais e culturais, podendo ampliar o campo de interesse para outros horizontes de possibilidades”.

Já segundo Carneiro, (2007) os jovens fazem uma releitura do que é absorvido na redes sócias, nas visitas a cidade, reconstrói sua cultura, valores e identidade.

Importante reconhecer que os jovens são atores dessa reconstrução cultural demandando espaço de representação de lazer, de trabalho para poderem exercer sua cidadania sem serem expropriado de seus valores, de seus bens, de suas redes de sociabilidade. É a parti de uma releitura dos valores urbanos trazidos pelos “de fora” ou obtidos “fora”, mas realizados na localidade de origem, que novos papeis sociais, novas identidades e novos projetos são definidos. (CARNEIRO, 2007, p.64)

Para Weisheimer (2005, p. 24) “A cultura juvenil emerge como um produto da abundância intimamente ligada à sociedade de consumo. Suas características incluem certo tipo de vestimentas, acessórios, linguagem, gostos musicais e práticas esportivas e de lazer”. A cultura da sociedade de consumo altera a identidade dos jovens do campo pois querer ser iguais aos jovens da cidade, mudando culturalmente.

Ainda segundo Weisheimer (2005) os jovens reconstróem a sua identidade e passam a questionar os projetos de vida e trabalho da família pois já não é o que querem pra se;

[...] os jovens filhos de agricultores reelaboram suas identidades sociais e passam a questionar os projetos de reprodução de modos de vida pautados exclusivamente na atividade agrícola, reivindicando padrões de vida, valores e condições materiais tidos como “urbanos”, o que se expressa no “ideal rurbano” (Carneiro, 1998 apud Weisheimer, 2005. p. 25).

A reelaboração da identidade dos jovens filhos de agricultores os tornam suscetíveis a sair do campo, pois o campo não é tão importante para eles, o que importa é ser parecido com os jovens da cidade, se cria a concepção de que a vida na cidade é melhor que no campo.

Essa reconstrução da identidade do jovem vem se alterando devido ao agronegócio e a indústria cultural, que fazem propaganda e novelas mostrando qual é o estilo de vida ideal, e disseminam essa propaganda no meios de comunicações, CHÃ (2006, p.16);

A realidade, porém, com a crescente aposta do setor na ampliação da sua atuação para outros aparelhos privados de hegemonia, como as escolas e o marketing cultural, tem mostrado que o processo de expansão do agronegócio que ameaça a agricultura camponesa e as comunidades tradicionais, implica também uma territorialização da indústria cultural no meio rural que passa a ocupar um espaço central na vida dessas populações, cumprindo muitas vezes um importante papel de desmobilização e perda de identidade com a vida no campo.

A indústria cultural tem uma influência muito grande na construção de consenso devido aos seus mecanismo como, a publicidade e o marketing cultural, usando os meios de comunicação em massa como, televisão, rádio e internet, os jovens tem acesso a todos este meios de comunicação, essa indústria cultural acaba influenciada e alterando suas identidades, essa alteração muda os planos de futuro no campo. A indústria cultural altera a concepção de vida e trabalho, fazendo o jovens a sair do campo para a cidade em busca de trabalho remunerado para ficar no padrões de vida que é divulgado pela indústria cultural.

2.3 Panorama teórico a busca pela renda

Ter uma renda própria é algo que os jovens buscam, pois é através dela que poderão realizar as suas vontades, seja bens materiais ou lazer, todas necessitam de recurso financeiro. Portanto, é um fator que leva os jovens a migrarem para a cidade em busca de um emprego, segundo Carneiro (2007 p.78) “Por que migram? Porque querem não apenas melhores condições de trabalho e mais bem remunerado, mas também educação de melhor qualidade e, não menos importante, querem acesso ao lazer. Esses jovens demandam por cinema, shows, teatro, viagens[...]”

Já Weisheimer (2005, p.22) “O ingresso no trabalho é visto como um elemento central na transição juvenil, já que é por meio dele que os jovens começam a adquirir uma relativa autonomia perante a família de origem”. A busca pela autonomia faz com que os jovens busque trabalho remunerado pois para eles só assim vão ter a autonomia desejada.

Ter seu próprio dinheiro é muito importante para eles pois é a possibilidade de estar inserido na sociedade, é a forma de se ter bens materiais que o torna visível perante a sociedade. Weisheimer, (2005, p.27). “As possibilidades de inserção social dos jovens estão condicionadas aos recursos materiais e simbólicos que lhes são disponibilizados ao longo do seu processo de socialização”.

Carneiro também escreveu sobre a necessidade de bens materiais para a inserção na vida social.

Novas demandas semelhante aos dos jovens urbanos, mobilizam os jovens de residência rural a buscarem atividades mais bem remuneradas e menos fatigantes que a agricultura. A compra de moto, que permite ampliar o espaço de sociabilidade para além dos limites de suas próprias localidades de origem, a aquisição de roupas e complementos, de aparelhos de som e outros bens materiais, os tornam mais atraentes e podem facilitar o namoro e casamentos futuros. Carneiro (2007. p. 60).

Castro, (2013, p. 23) aponta como motivos que levam os jovens a sair do campo para a cidade. “Melhores condições de trabalho nas cidades; Oferta de trabalho (em geral maior nas cidades do que no campo); Condições pouco favoráveis que alguns jovens enfrentam para conseguir renda a partir da terra.” Isso que os jovens pensam, porém nem sempre é verdade, está na cidade não é garantia de se conseguir um emprego.

3. PERSPECTIVAS DE PERMANÊNCIA NO CAMPO: UM OLHAR SOBRE A VIDA E AS EXPERIÊNCIAS DE JOVENS ASSENTADOS DO MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS DO ARAGUAIA, PA.

3.1 Perfil dos jovens entrevistados e atuação no lote

Foram entrevistados nesta pesquisa dez jovens, alunos do 8º e 9º ano da E.M.E.F. Getúlio Vargas que fica localizada dentro do P.A. Oito Barracas, sendo cinco homens e cinco mulheres com a faixa etária de entre 13 e 17 anos. Todos são filhos da reforma agrária e residem em áreas de assentamentos, P.A. Oito Barracas, P. A. Bethe e P.A. Água fria, sendo a metade dos entrevistados do P.A. Oito Barracas.

A maioria dos pais são de origem nordestina, com trajetória de migração vindos na época de ocupação da Amazônia motivados pelos grandes projetos na década de 70. Segundo

Velho (2009), passaram por todo o processo de ocupação da terra, a luta sindical para conseguir a terra que foi uma luta da região. Hoje, esses jovens são herdeiros dessa luta.

Agora são estes jovens que continuam no processo de luta, que agora já não é pela terra e sim de permanência digna por meio do acesso à infraestrutura, bens e serviços, políticas públicas que dê condições de produção e vida no lote e escola. Entretanto, não é qualquer escola é uma escola que seja voltada para a realidade do povo do campo.

Quadro: 01 Perfil dos jovens entrevistados.

Fonte: elaborado pela autora a partir de dados da pesquisa

Entrevistado	Sexo	Idade	Local de moradia	Naturalidade	Origem do pai	Origem da mãe	Nº pessoas que vivem no lote
01	F	14 anos	P.A. Oito Barracas	São Domingos do Araguaia PÁ	Araguaína TO	São Domingos do Araguaia PÁ	3
02	F	14 anos	P.A. Bethe	São Domingos do Araguaia PÁ	Piraquer, TO	Brejo Grande PÁ	5
03	F	14 anos	P.A. Oito Barracas	São Domingos do Araguaia PÁ	Patos de Minas MG	São Luiz MA	5
04	F	14 anos	P.A. água fria	São Geraldo do Araguaia PÁ	Estreito MA	São Geraldo do Araguaia PÁ	6
05	F	13 anos	P.A. Oito Barracas	São Geraldo do Araguaia PÁ	Balsa MA	Miracema TO	5
06	M	14 anos	P.A. Bethe	Marabá PÁ	Mauriti CE	Tocantinópolis TO	3
07	M	17 anos	P.A. água fria	Parauapebas PÁ	Não sabe	Piauí	3
08	M	14 anos	P.A. Oito Barracas	São Domingos do Araguaia PÁ	Arapoema GO	Pedro II PI	4
09	M	16 anos	P.A. Bethe	São Domingos do Araguaia PÁ	G.F. Barros MA	Joselândia MA	8
10	M	13 anos	P.A. Oito Barracas	São Domingos do Araguaia PÁ	Palmas TO	São Domingos do Araguaia PÁ	6

A origem das mães é diversa, a maioria tem naturalidade na região norte, seguido da região nordeste. Quanto ao local de nascimento dos jovens, a maioria é do município de São Domingos do Araguaia, Pará, ou seja, provavelmente já nasceram num período posterior a luta pela conquista da terra. Não participaram da luta dos pais pela conquista da terra, mas serão eles que vão lutar para conquistar as políticas que iram ajuda a viver bem no lote.

O número de pessoas que vivem no lote varia de três a oito pessoas, sendo a maioria de três e cinco pessoas, ou seja, as famílias não são mais tão numerosas quanto na época de seus avós, reduzindo assim a força de trabalho no campo. Além da redução do tamanho das famílias há o fato de muitos jovens estarem emigrando do campo. Diante disto, podemos nos

questionar quais as razões dos jovens saírem de suas comunidades e, com o conseqüente esvaziamento do campo, quem vai produzir e quais conseqüência a saída do campo traz para eles (a)?

No PA Oito Barracas observa-se que a redução da força de trabalho no campo se dá pelo envelhecimento dos trabalhadores e trabalhadoras e pela saída dos jovens do campo.

[...] Colocava, nós não mexe com roça mais não. *Não tem mais mata?* Só uma capoeirinha lá, ele não aguenta mexer com roça mais, *Já ta doente cansado do serviço?* É coluna, não aguenta trabalhar mais não [...] ai foi pra São domingos, *Já concluíram eles?* Ainda não, um parou de estudar, tá até pra Goiânia, e o outro tá lá estudando, acho que vai um dia e cinquenta não, *não pensa de vir pra terra ajudar vocês?* Não só lá na rua trabalhando, agente pejeja mais fazer o que?" Cícera, 2015.

O relato da Dona Cícera traz uma realidade recorrente das áreas de assentamento, a emigração do jovem e envelhecimento da população do campo promove a redução da produção, principalmente na nossa região, onde não houve um processo de modernização da agricultura, de forma a reduzir o labor do trabalho do campo.

Os(as) jovens pesquisados participam, sem exceção, nas atividades de produção do lote, eles(as) produzem uma diversidade de produtos: milho, arroz, feijão, abobora, gado, galinha e porco. No entanto, os principais produtos são: leite, farinha, açaí e banana. Dos dez jovens entrevistados, sete trabalham com leite, e destes, cinco produzem exclusivamente leite, dois produzem além do leite, açaí e banana e apenas um jovem produz leite e açaí. Os três jovens restantes, que não trabalham com leite, um possui criação de porco, outro produção de farinha, e uma única jovem tem como principal fonte de renda da família o bolsa família, que é uma política pública do governo federal.

Cabe ressaltar que a família desta jovem, que vive com renda exclusiva de uma política pública, mora no lote do sogro e não possui área para plantar, assim a renda do lote é do proprietários. Casos como este são recorrentes dentro das comunidades, filhos que moram com sua família no lote dos pais. Alguns saem da comunidade, não conseguem nada satisfatório na cidade e voltam para a terra dos pais, porém não tem renda no lote e vivem de bolsa família.

Os jovens que criam porcos e produzem farinha, têm maior possibilidade de diversificação da produção do lote, tornando-o mais rentável, pois suas produções requer menor quantidade de terra. Com maior renda no lote, a possibilidade destes jovens irem para a cidade em busca de emprego é menor.

Metade dos jovens tem como principal fonte de renda a produção do lote, e metade não, ou seja para além da produção do lote há outras fontes de renda na família, com exceção dos que trabalham exclusivamente com o leite, pois esses, tem o leite como única fonte de

renda. O fato daquele que tem a renda exclusivamente o leite, em um primeiro momento pode significar que há uma viabilidade da produção, mas considerando a realidade da região de assentamento que há um processo de reconcentração de terras dentro da própria área pode ser que essas famílias que tenham exclusivamente o leite como fonte de renda, elas tenham reconcentrado terra e tornado viável a produção de leite, mas isso só acontece devido à insustentabilidade de outros.

Apesar dos jovens viverem no lote e atuarem nas atividades produtivas, sua participação na tomada de decisão sobre tais atividades é reduzida, apenas seis jovens afirmam participar nas decisões e quatro não participam. A não participação dos jovens nas decisões dentro do núcleo familiar os tornam mais sujeitos à emigração do campo, pois esses jovens buscam autonomia que a família não garante. Outro elemento agravante é a questão de gênero, dos seis jovens que participam da tomada de decisão, apenas uma é mulher. Segundo Burg, (2005) há uma relação de gênero na agricultura familiar, onde a mulher é excluída das decisões por mais que participe na produção do lote. Assim, as mulheres, na busca pela autonomia, encontram-se em desvantagem em relação ao homem, estando mais sujeitas a emigração.

Sendo a família o centro de decisão nas áreas rurais, onde se decide onde, como, quando e quais atividades serão realizadas, os jovens tem sua importância diminuída, criando uma hierarquia social que acaba por reduzir a importância do jovem no campo e contribui para sua evasão. Castro (2009. p.11) “ser jovem rural carrega o peso de uma posição hierarca de submissão, em um contexto marcado por difíceis condições econômicas e sociais para a produção familiar”. Essa relação de poder pode contribuir na decisão de sair do lote.

Apesar das jovens relatarem ter participação nas atividades que envolve a produção comercial do lote, quando questionadas sobre as atividades que realizam, relatam participação no trabalho doméstico e a maioria, quatro das cinco mulheres, não gostam das atividades que desenvolvem, ou seja não é um trabalho a qual estão satisfeitas de fazer, logo se não é um trabalho satisfatório elas tendem a busca outras alternativas, estando mais suscetível a sair da comunidade. Por outro lado, todos os cinco homens relataram gostar das atividades que desenvolvem, e deste, quatro participam das tomadas de decisões do lote. A este grupo, está reservado outros tipos de trabalho.

Segundo Burg (2005, p. 33) a divisão sexual do trabalho está presente em grande parte das culturas, tanto os homens quanto as mulheres podem efetuar trabalhos produtivos, porém é dividido o que pode ser realizado pelos homens (arar, operar máquinas, etc) e pelas mulheres (plantar, colher, etc). A mulher, porém, tem uma sobrecarga maior de trabalho, pois além de participar do trabalho produtivo, ainda é responsável pelo trabalho reprodutivo, que é

equivalente a preparar a alimentação, lavar e cuidar das crianças. Portanto, à mulher cabe a função de reprodução e cuidado com os membros da família.

Neste cenário de redução da liberdade de decisão e divisão social e hierárquica do trabalho, a mulher está muito mais propensa a sair do campo em relação ao homem. Logo há um processo de exclusão seletivo, e este é um fator cultural da nossa sociedade.

A exclusão seletiva da população rural jovem afeta o campo, deixando-o a cada dia mais masculino. Os homens que ficam na comunidade têm “Dificuldades para constituir uma família, pelo maior número de homens que de mulheres no campo” (CASTRO 2013. p. 22).

No PA Oito Barracas, as mulheres são excluídas das reuniões das associações e sindicatos, pois não tem resguardado o seu direito à fala. A atual presidenta da APAB (Associação dos Pequenos Produtores do Castanhal Oito Barracas) é uma mulher, porém, em todas as reuniões da APAB quem tem o direito à fala é seu marido, por mais que ela esteja presente quem ganha papel de destaque é o homem, o chefe da família. Segundo Burg (2005, p. 86) “É visibilizado o “chefe” da família, mesmo quando é a mulher de fato a responsável pela atividade. Muitas vezes, ela também não é aceita nas reuniões decisórias, onde se prefere tratar com homens, por considerá-la “não capaz” para tomada de decisões.”

Outro local de exclusão das mulheres é nos locais de lazer como no campo de futebol, onde os homens de várias idades se reúnem nos finais de semana, (sexta, sábado e domingo), neste local elas só vão para olhar os homens jogarem, não participam das atividades esportivas. As poucas mulheres que comparecem nesses espaços, estão acompanhadas pelo pai, marido ou irmão, pois não tem o direito de saírem sozinhas. Com relação aos demais locais de diversão, a situação é semelhante, as mulheres só estarão presentes se forem acompanhadas por uma figura masculina da própria família. A cultura de desigualdade de gênero está presente em todas as instituições e locais públicos da comunidade. Segundo Burg (2005, p.36).

[...] são as instituições (família, igreja, estado, escola) que perpetuam a distribuição do poder de maneira desigual entre homem e mulher, cabendo a ela a posição subalterna na organização social. No meio rural há um rígido e severo controle familiar e comunitário sobre o grupo doméstico - principalmente as mulheres - e fundamentalmente relacionado com a moral sexual e familiar.

De acordo com Burg (2005) as mulheres são submetida ao intenso controle social, têm que se enquadrar aos padrões da sociedade, não podendo sair do padrão de comportamento estabelecido pelas instituições que as controlam moralmente, porque se elas não seguirem as regras estabelecidas ficam mal faladas na vizinhança, este controle é mais rígido no campo que na cidade. Desta forma as mulheres acabam se submetendo as situações imposta pela família,

de só participar das atividades que lhes forem permitidas seja lazer ou trabalho. Castro (2009, p. 144) também escreve sobre as restrições sofrida pelas mulheres na sociedade.

O controle social sobre a circulação e a presença de mulheres em espaços públicos é notoriamente reconhecido. Roberto da Matta (1991, apud, Castro, 2009) demonstra como no Brasil a *casa* é um espaço percebido como das mulheres, por ser um espaço privado, e a *rua* um espaço de “homens”, justamente por ser público.

Esse padrão é algo que a indústria cultural vem disseminando na sociedade através dos meios de comunicação hegemônico e até mesmo as escolas disseminam essa ideia Châ (2016, p.16), isso só deixa as mulheres ainda mais suscetível a sair do campo.

3.2 Dimensão sensitiva: Os jovens gostam ou não gostam de mora no campo.

Todos os jovens dizem gostar de morar na comunidade, por razões que envolvem relações sociais, laços de amizade que se desenvolvem entre parentes e vizinhos além da relação com a natureza, sensação de segurança que ainda é maior no campo, bem como a tranquilidade que diferencia o campo da zona urbana (estresse, trânsito, etc.) são basicamente esses três elementos que fazem com que eles gostem da vida na comunidade e são inerentes à vida no campo, os jovens têm consciência de que não iriam encontrar condições semelhantes caso fossem morar na cidade.

Todos os jovens se sentem felizes morando no campo por conta dos elementos citados acima, no entanto eles descrevem alguns pontos que são considerados negativos da vivência no campo, são questões relacionadas a acesso a serviços públicos básicos, como: saúde, cursos, infraestrutura, falta de ensino médio etc. Os pontos negativos da vida no campo estão relacionados principalmente falta de serviços básicos e questões de infraestrutura.

Entretanto, o que eles consideram como pontos negativos da vivência no campo é aquilo que eles imaginam conseguir na cidade, no entanto, não há garantias de acesso a infraestrutura e serviços básicos. O que a história tem mostrado é que o êxodo rural fez criar enormes periferias nas cidades com pessoas sem qualquer tipo de assistência pelo Estado.

Quando os jovens foram questionados se gostariam de morar na cidade, quatro afirmam que sim, destes duas mulheres e dois homens, e seis falaram que não têm desejo de morar na cidade, e destes três mulheres e três homens. Assim, a maioria dos jovens desejam continuar morando na comunidade.

Já quando questionados quais seriam os pontos que eles consideram como sendo positivos de se morar na cidade, o trabalho remunerado aparece como sendo o principal atrativo de se morar na cidade pois apareceu em cinco das dez respostas, logo depois aparece a

infraestrutura em quatro, e a educação aparece em duas, um jovem indica mais de um ponto como sendo positivo.

Por outro lado, os pontos considerados pelos jovens como sendo negativos de morar na cidade são: violência, questões relacionada ao clima e barulho são os pontos que tiveram maior destaque, os outros foram: auto custo financeiro de viver na cidade, seguido pela falta de organizações das cidades e a falta de tranquilidade, todos são elementos antagônicos à vivencia no campo, no entanto, dentre os elementos que mais preocupam os jovens, está a violência e questões relacionada ao clima, todos os elementos apontados pelos jovens como sendo negativo de morar na cidade são inerente a cidade.

Quando questionados sobre a possibilidade de morar na cidade, qual a expectativa de vida? De acordo com a respostas dos jovens, pode-se observar que eles têm sonhos que não dependem de estarem na cidade ou no campo, eles querem cursar nível superior, ter bens materiais, casa própria, viajar, mudar para outro país. Para os jovens, o meio para a realização do sonhos, é através do emprego, assim, o principal elemento que movem eles a sair do campo para cidade é o emprego, que vai possibilitar realizar todos os outros sonhos. Para estes jovens o emprego é a forma de ascensão. Para Weisheimer (2005, p. 22) “O ingresso no trabalho é visto como um elemento central na transição juvenil, já que é por meio dele que os jovens começam a adquirir uma relativa autonomia perante a família de origem.”

Das dez resposta o emprego aparece em sete, e destas quatro são mulheres que desejam sair por conta do emprego, e dos homens são três dos cinco que desejam sair por causa do emprego, ou seja, o fato de todas jovens desejarem terem como perspectiva a obtenção de um emprego é um indicativo para a rejeição do trabalho que as mesmas executam no campo, pois, enquanto que em comparação aos homens, que é bem menor a expectativa de obtenção de emprego na cidade. Porém as mulheres ainda são a maioria, tal cenário pode ser reflexo das diferenças nas condições de trabalho e envolvimento diferenciado que homens e mulheres possuem no campo.

O meio rural expressa com maior violência o machismo e, o valor e as concepções de trabalho agravam a condição da mulher. Em geral uma das condições de submissão da mulher ao homem se dá pelo fato da mulher não ter acesso a dinheiro, assim, ela não é considerada geradora do dinheiro, no entanto, em última análise é geradora de renda. Grande parte das funções desempenhadas pela mulher, não tem valor monetário direto, cuidar da casa, dos filhos, preparar a comida, mas que numa análise mais profunda seria revertida a um valor monetário. Burg (2005, p. 37) “O paradigma dominante na economia reforça essas desigualdades

duplamente: ignora o trabalho reprodutivo não-pago, tornando invisível a maior parte do trabalho feminino e, ignora a divisão sexual do trabalho.

As mulheres não gostam do trabalho doméstico, o que pode ser devido à desvalorização do mesmo, repetição, desprovido de novas experiências. Por outro lado, as atividades desenvolvidas pelos jovens na roça são mais valorizadas, provoca uma série de estímulos que desenvolve habilidades cognitivas na lida com diferentes situações para as quais busca-se soluções no dia a dia.

Foi questionado aos jovens, caso quisesse morar no campo qual expectativa de vida? São diversas as respostas, porém todas mostram o anseios dos jovens de ter condições de continuar morando no lote, condições produtivas, financeiras, manter a qualidade de vida que é morar no lote, a relação com a natureza a tranquilidade.

3.3. Escola e o olhar dos jovens

Todos os jovens entrevistados relataram ter interesse de continuar a estudar até o nível superior, o que pode ser devido às expectativas da famílias sobre esses jovens, pois todos relataram que suas famílias criaram tais expectativas. A família vê no estudo a possibilidade de uma vida melhor, e isso passa para os mais jovens. Carneiro (2007, p. 61) “Observa – se aí uma mudança de valor atribuído à agricultura, compartilhado, em muitos casos, pelos próprios pais que querem poupar os filhos das dificuldades e sofrimentos por que passaram.”

A parti de diálogos informais com as jovens da escola foi possível percebe que a mulher que teve experiências ruins em uma visão um pouco mas a frente tenta indicar o caminho para a filha, para que ela tenha a independência financeira, para sair da condição de subserviência do homem, para se ter o direito as próprias escolhas, e isso passa a escolher o homem que a faça bem, que a respeite, não seja machista, provavelmente a mãe não teve direito de escolha, o estudo é esse instrumento de libertação, por isso a família cria uma expectativa muito grande com relação aos estudos.

Foi questionado aos jovens se eles gostariam de cursar o ensino médio na comunidade onde moram, dos dez jovens apenas três não gostariam, destes duas são mulheres, ou seja as mulheres têm maior anseio de antecipar a saída para a cidade, ainda no período escolar, pois buscam a libertação que já foi citada acima.

Para as jovens frequentar uma escola na cidade constitui a primeira fase na busca de possibilidade, a segunda fase é alcançada com o casamento ou por meio de um emprego. “A

conquista da autonomia - ou da liberdade, na expressão dos jovens – porém, só é obtida com a saída da casa dos pais, pois o controle sobre elas é exercido enquanto estiverem vivendo com eles” (CARNEIRO ,2007 p. 40).

Também foi questionado aos jovens se a escola debate as possibilidade de permanência e saída deles do campo durante as aulas, todos falaram que sim, porém acredita-se que o fato de todos dizer que sim, partiu da influência da pesquisadora por ser estudante do curso de educação do campo, e coordenadora responsável pela escola e tem desenvolvido projetos que valoriza os povos do campo. Na escola tem dois professores da zona urbana com a visão urbano centrica, os debates eram voltadas nesta visão, e ao longo dos trabalhos desenvolvidos na escola, foi sendo desconstruída essa visão, e os mesmos professores passaram a valoriza a vida e o trabalho no campo.

As discussões que a escola tem promovido, na interpretação dos alunos, que há um debate de aprimorar os conhecimentos, e buscar outros conhecimentos, mais numa perspectiva de melhorar a própria vida no campo, isso é o que afirma 50% dos entrevistados, todos os estudantes reconhecem que a escola promove um debate sobre as possibilidades de permanência e saída dos jovens da comunidade, isso parte de uma nova perspectiva a partir do trabalho desenvolvido como coordenadora responsável da escola enquanto estudante do curso de educação do campo, de tentar trazer um outro debate, uma outra visão de desenvolvimento para os sujeitos que não seja urbano centrica, e a maioria dos estudantes percebem nesses debates a necessidade de estudar para melhorar a vida no campo, não para sair dele.

Dos dez entrevistados, cinco tem concepção que a escola debate a importância dos jovens estudar para melhorar a vida no campo, porém dos outros cinco, três saíram completamente do contexto da entrevista, ou seja é amostra perdida. Mais para além do debate na escola de se promover essa outra perspectiva de vida no campo, há também a necessidades de vir políticas públicas, pois todos os alunos entrevistados desconhecem as políticas públicas, o fato deles desconhece-las não quer dizer que são inexistentes, quer dizer que os jovens não sabem o que são políticas públicas, pois ela está presente na comunidade, mesmo que de forma precária, através da energia que não atendeu a todos , através da estradas que não é de qualidade, através da escola que ensina o currículo urbano, as políticas públicas existem porém não atendem de forma que possa garanti a permanença do jovem no campo. Portanto todas aquelas condições que eles colocam como pontos negativos de se viver na comunidade, ou seja a falta de políticas públicas eficaz e com qualidade, que vai desde do fornecimento dos elementos de infraestrutura a outros que deem condições da vida no lote, da vida na

comunidade, se os jovens tivessem, poderiam sair para estudar e retornar para tentar melhorar a vida no campo.

Porém não adianta os jovens se formar em uma profissão para trabalhar no campo (veterinário, engenheiro agrônomo, etc.) se não há políticas públicas para dar possibilidades de trabalho, pois não adianta saber as técnicas de plantio, se há implementos para realizar o plantio, não adianta ter o conhecimento do manejo do gado se não há financiamento para melhorar a genética do gado e pastagem.

As políticas públicas vão desde, atendimento das necessidades básicas de infraestrutura, educação que seja realmente emancipadora, que a escola já ensina esse processo, até as condições materiais para a manutenção do jovem no campo, a manutenção financeira, ou seja, dar condição para as pessoas do campo produzir, condição para diversificação da produção, condição de comercialização da produção, que é infraestrutura básica como: estrada em condições de escoar a produção. Se houver estrada, o produtor já consegue comercializar pois, minimamente o atravessador acessa o lote para comprar a produção.

Para Weisheimer, (2005, p. 28,) “Os diferentes trabalhos apontam no sentido da necessidade de desenvolvimento de políticas públicas específicas para os jovens rurais, entre as quais se destaca a pertinência de um projeto educacional que valorize o rural e prepare os jovens a se desenvolverem como agricultores”. Pois só a educação é capaz de emancipar as pessoas seja ela do campo ou da cidade, ela é capaz de mudar realidades.

CONCLUSÃO

Conclui-se que os jovens não tem o desejo efetivamente de sair do campo, são questões objetivas também chamado de fatores de expulsão que os fazem sair como: falta de infraestrutura, eles desejam bens e serviços que acreditam encontra na cidade; o outro fator é exclusão seletiva, que está presente a questão do gênero, onde existe situações diferente para o homem e para a mulher, portanto há uma exclusão seletiva principalmente da mulher que tem o seu trabalho desvalorizado, limitadas a sua liberdade e direito de participar nas decisões com relação a produção da própria família, o que as tornam mais suscetível a sair do campo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Francisco Rodrigo Josino [et al.]. Políticas Públicas de Juventude. Secretaria Nacional de Juventude. Imprensa Nacional, Brasília, 2013.

ARROYO, Miguel Gonzalez. A escola do campo e a pesquisa do campo: metas IN MOLINA. Mônica Castagna. Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão. Brasília: Ministério do desenvolvimento Agrário ,2006.

BRASIL, LEI de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9.394, 20 de dezembro de 1996, Brasília DF. dez. 1996.

BIRCK, Helena Beatriz, Fujita, Rafaela Harumi. PERFIL DO JOVEM AGRICULTOR E SUA PERMANÊNCIA NO CAMPO. Secretaria de educação. Paraná, 2010.

BURG, Inês Claudete. As mulheres agricultoras na produção agroecológica e na comercialização em feiras no sudoeste paranaense. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Curso de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

CABRAL, Anacleide Moreira. RELATORIO DO 1º TEMPO COMUNIDADE: HISTORIA LOCAL; PROJETO DE ASSENTAMENTO OITO BARRACAS. UNIFESSPA. 2015.

CASTRO, Elisa Guaraná de... [et al.]. Os jovens estão indo embora? juventude rural e a construção de um ato político. - Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.

CASTRO, Antônio Maria Gomes de. [et al.]. Juventude rural, agricultura familiar e políticas de acesso à terra no Brasil. Brasília. Ministério do desenvolvimento Agrário, Brasília, 2013.

CHÃ, Ana Manuela de Jesus. AGRONEGÓCIO E INDÚSTRIA CULTURAL: Estratégias das empresas para a construção da hegemonia. Dissertação de pós graduação em desenvolvimento territorial na América Latina e caribe, Instituto de políticas públicas Internacionais (IPPRI) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2006.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej, BARROS Oscar Ferreira. Currículo e educação do campo na Amazônia: Referências para o debate sobre a Multisseriação na escola do campo. Espaço do currículo, v.3, n.1, pp.348-362, Março de 2010.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. Transgressão do paradigma da (multi)seriação como referência para a construção da escola pública do campo. Educ. Soc., Campinas, v. 35, nº. 129, p. 1165-1182, out. - dez. 2014.

CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná de, Juventude Rural em Perspectiva. Editora: Mauad. Rio de Janeiro, 2007.

Projeto de Criação do curso: LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO. UFPA, Marabá, PÁ. 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23 ed. ver. e atual.- São Paulo: Cortez, 2007.

VELHO, Otávio Guilherme, OG. Frente de expansão e estrutura agrária: estudo do processo de penetração numa área da transamazônica. Centro Edelstein de Pesquisa Sociais. Rio de Janeiro, 2009.

Weisheimer, Nilson. Juventudes rurais: mapa de estudos recentes – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005

ZAGO, Nadir. Migração rural-urbana, juventude e ensino superior. Revista Brasileira de Educação v. 21 n. 64. Chapecó, SC. 2016.

<<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=8>> Acesso em 21 dez.2018.

ANEXO: QUESTIONARIO DE ENTREVISTA COM OS JOVENS.

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTAS DO TCC

1. Nome: _____

2. Idade: (____) Sexo: M () F ()

3. Assentamento onde mora: _____

4. Local de nascimento: _____

5. Local de origem:

Pai: _____ (Cidade e estado)

Mãe: _____ (Cidade e estado)

6. Nº de membros da família que vivem no lote (____)

Nº Irmão: Homem (____) Mulher (____)

7. Você gosta da comunidade onde mora? Por que? _____

8. Você é feliz vivendo no campo? _____

9. Quais os pontos positivos da vida no campo? _____

10. Quais os pontos negativos da vida no campo? _____

11. O que falta na sua comunidade para supri as suas necessidades atuais e futuras?

12. Você gostaria de morar na cidade? _____

13. Quais os pontos que você considera positivo em morar na cidade? _____

14. Quais os pontos que você considera negativo em morar na cidade?

15. Caso queira morar na cidade, quais as suas expectativas de vida na cidade?

16. Caso queira continuar a morar no campo, quais as suas expectativas de vida no campo?

17. Quando terminar o 9º ano pretende fazer o que? por que?

18. Você gostaria de continuar o ensino médio na comunidade? Por que?

19. A escola debate as possibilidade de permanência e a saída dos jovens nas aulas? como?

20. Você conhece algum programa de política pública que atenda às necessidades dos jovens do campo? qual? _____

21. Quem é(são) responsável(eis) pela produção do lote? _____

22. Você participa das atividades produtivas do lote? _____

23. Você participa das decisões quanto a produção do lote? _____

24. Quais as produções do lote? _____

25. Qual a principal produção do lote? _____

26. A principal fonte de renda de sua família vem do lote? caso não quais são?

27. Quais são suas ocupações atuais (Trabalho no dia a dia remunerado ou não)?

28. Você gosta das ocupações que desenvolve? Porque?

29. Quais as expectativas de sua família com relação ao seu futuro? Por que?
